

FOTO: MARCELO MELIA

FOTO: JO SOUZA



A Praia de Tororão é ponto de desova de tartarugas. Na região, o Programa de Índio da aldeia Pataxó é uma volta à época do Descobrimento

Em Prado, além do show das baleias jubarte, dá para curtir belas praias e saber um pouco da história do Brasil

LETÍCIA NÓBREGA

lnobrega@redgazeta.com.br

O Brasil nasceu em Prado. Pelo menos é o que reivindicam seus orgulhosos habitantes às margens da Barra do Cahy. Teria sido ali, no encontro entre rio de mesmo nome e mar, que Cabral desembarcou antes de chegar a Porto Seguro. A prova, defendem guias da cidade, está no livro "O Brasil Renasce onde Nasce", lançado à época da comemoração dos 500 anos do Descobrimento, com citações da carta de Caminha. Entre elas, a que a esquadra avistou o Monte Pascoal na chegada, o que só seria viável a partir da cidade.

Pronto, estava arrefecida a antiga rivalidade entre as vizinhas cidades baianas. Nada que para o turista valha tanto assunto assim, mas para Prado a "redescoberta" trouxe a oportunidade de despertar uma nova visão da cidade. Muito além das belas praias bombadas no verão.

Uma delas tem justamente os pés na época do descobrimento. Despejados de sua terra durante anos, os índios Pataxós, que habitam a região há mais de cinco séculos, voltaram à aldeia original, que hoje forma o Parque do Monte Pascoal, para preservar uma área, com fauna e flora ricas, e aberta aos turistas para visitas guiadas.

Um autêntico programa de índio para quem gosta de história e alimenta a curiosidade sobre as comunidades indígenas. Ao lado do cacique Araçari, dá para aprender in loco sobre as plantas e árvores centenárias, como o jatobá, experimentar raízes como a João Burandí, que na boca causa um efeito anestésico estranho, ou mesmo assistir a um ritual de dança e oração pataxó, o Awê. Como numa viagem no tempo, é bonito ver os índios vestidos a caráter com acessórios feitos de pele e casca de plantas, cantando a letra, que até os pequeninos têm na ponta da língua, a plenos pulmões. Depois, é possível, claro, comprar os colares de semente e penas detalhadamente trabalhados e se sentir um deles.

Tão antigos quanto os índios, só mesmo as baleias jubartes que escolhem as águas quentes da região, entre julho e novembro, para procriarem e amamentarem. Prado é a porta de entrada da Costa da Baleia, composta ainda por Alcobaça, Caravelas, Nova Viçosa e Mucuri, no sul da Bahia. E o passeio para o Arquipélago de Abrolhos, pelo qual se pode observá-las de perto (pelo menos o mais possível), é imperdível.

A sensação é de se estar num programa do Discovery Channel. É verdade que elas aparecem quando querem, mas a espera é sempre gratificante. No nosso caso, começaram tímidas. No trajeto de ida, que demora cerca de três horas, apenas uma aqui, outra acolá, despontou no enorme mar azul. Mas, na volta, elas deram show. De "nado sincronizado" com as barbatanas e muitas caudas para cima, fizeram a festa das máquinas digitais.

Dizem os especialistas que é nessa última posição que elas amamentam. O leite, que tem consistência bem grossa, veja só, é lançado na água para os filhotes se alimentarem. Estes, aliás, nascem com, nada menos, que uma tonelada. Dá para imaginar o espetáculo que é vê-las tão de perto. A distância oficial que se deve manter é de 100 metros. Mas, mansas que são, às vezes chegam ao lado do barco para a alegria dos turistas.

Mais perto ainda chegam os igualmente mansos atobás, aves com pés de pato que habitam o Arquipélago. Na única das cinco ilhas em que os turistas podem desembarcar, a Siriba, eles estão aos montes. Com olhos amarelos e pelos ora brancos ora marrons, parecem posar para a foto. Enquanto os machos assobiam, as fêmeas gritam e é comum até vê-los numa cena de ciúmes. Para "acalmar" as fêmeas os fiéis atobás (eles têm apenas uma companheira a vida toda) oferecem gravetos no bico. E, depois de muitos gritos, elas parecem se convencer.

Fora isso, quem rouba a cena são as grazinas, donas de longos rabos e bico avermelhado, e as fragatas, as "piratas" do território. Isso porque as danadas "roubam" os peixes das demais. Sabidas,

elas esperam as "colegas" caçarem e depois, no ar, dão cutucões no pescoço. Atobás e grazinas acabam "soltando" os peixes que são levados aos filhotes das fragatas. Espertas, não? O passeio dura um dia inteiro e é bom se preparar também para o balanço do mar, intenso por vezes.

Mas se sua preferência for o ar, outra opção é voar de parapente por sobre as falésias que se estendem pelas praias. É graças a essas formações que os ventos ganham direção para levantar o parapente e proporcionar outra visão das praias. De cima, é possível ver até espécies marinhas através das águas claras.

Mas se de todas, a preferência é continuar com os pés no chão, mais especificamente nas areias, então estão à sua disposição 84 quilômetros de praias das mais variadas. Desde as com estrutura de quiosques e diversão para a criançada até as mais desertas e de areias paradisíacas. A do Tororão, por exemplo, tem uma espécie de bica de água doce desembocando quase no mar, além de ser ponto de desova de tartarugas. Dá para vê-las passeando por ali quase sempre. Outras, mais desertas, como a Ponta do Moreira, exigem a passagem por trilhas que, mesmo pequenas, não dispensam o contato próximo com a natureza.

Os mares são rasos e ideais para descanso de casais e banho para famílias. Curumuxatiba, a principal delas, é exemplo disso. A charmosa vila de pescadores é destino certo de quem quer definitivamente fugir do estresse sem abrir mão de conforto e boa comida. Aliás, a Prado da alta é bem diferente da baixa estação. De lotada a muito calma, é bom definir ao certo o que se espera do destino. Outro ponto importante é considerar a estrutura de transporte até o local. Quem deixa a aventura do carro pelo conforto do avião tem em Porto Seguro o aeroporto mais perto. Um novo, localizado em Cabralia, que aproveita a estrutura militar da região, tem previsão de entrega até o ano que vem, o que facilitará e muito a vida dos turistas que escolhem Prado para a temporada. Até lá, é encarar mesmo no mínimo mais três horas de estrada até a cidade, desde Porto Seguro. E esperar ansioso por uma água de coco.